



ESTE MÊS OUVIMOS... ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

Adriano Correia de Oliveira – o guerreiro da resistência

Em Coimbra, durante a década de 60 do século passado, paralelamente ao ascendente da Esquerda nos destinos da AAC, alguns cultores da Canção de Coimbra tomaram consciência de que esta poderia ser um meio de difusão de novas ideias, assumindo uma atitude progressista e inovadora e, tematicamente, menos saudosista e nostálgica, entendendo a sua música como uma arma de “arremesso” de palavras e denúncias no combate político.

Chegado a Coimbra, em Outubro de 1959, para cursar Direito, e depois de tarimbar pelos temas mais clássicos da Canção de Coimbra, Adriano Correia de Oliveira encontrou na *Trova* a fórmula revolucionária para a difusão de novas mensagens e na poesia de Manuel Alegre (n. 1936) a bonita conjugação da palavra com a música.

O *Canto de Resistência* na luta pela Liberdade, teve, então, como seu principal “cantor de serviço” na Academia de Coimbra, Adriano Correia de Oliveira, acompanhado na guitarra de Coimbra por António Portugal (1931-1994) e à viola por Rui Pato (n. 1946).

Adriano Correia de Oliveira não era possuidor de uma voz que o guindasse à posição de grande cantor da Canção de Coimbra, mas a isso contrapunha uma voz bem timbrada e límpida, a sua boa interpretação, a sua generosidade, ousadia, coragem e entrega a uma causa que, desde 1959 até à Crise Académica de 1962, o haveria de amadurecer em termos políticos e ideológicos.

De facto, Adriano, como estudante universitário, desde logo fez questão de se envolver ativamente na vida académica da AAC. Assim, em 1960, tornou-se sócio do Grupo Universitário de Danças Regionais da AAC; em Maio de 1961, subscreveu o panfleto «Protesto», que foi elaborado em defesa da DG da AAC, muito atacada pela Direita aquando da publicação da «Carta a uma Jovem Portuguesa», da autoria de Artur Jorge Marinha de Campos, na revista *Via Latina*; em 1964, Adriano pertencia à direção do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC); e, no ano lectivo de 1964/65, foi proposto pelo Conselho de Repúblicas para a Assembleia-Geral substituta da AAC. Porém, a sua adesão, em 1964, ao Partido Comunista, mais lhe solidificou a posição de opositor ao *Estado Novo*.

Foi a partir da *Trova do Amor Lusíada*, em 1961, que Adriano Correia de Oliveira emergiu no *Movimento de Resistência*, e foi, em 1963, com a gravação da *Trova do Vento que Passa*, que a Canção de Coimbra se abriu aos jovens de outras universidades que viam neste tipo de Canto uma forma eficaz de difundir os seus ideais e as suas mensagens sociais e políticas e Adriano se tornou um símbolo dessa resistência.

Adriano foi, assim, incomodando, quem na altura governava o País, e que, por isso mesmo, levava a que a PIDE estivesse muito atenta ao que cantava!

Segundo Manuel Alegre, «a voz do Adriano era uma voz alegre e triste. Solidária e solitária, havia nele ternura e mágoa, esperança e desesperança, amparo e desamparo, festa e luta. E também saudade e fraternidade».

Nascido a 9 de Abril de 1942, Adriano Correia de Oliveira veio a falecer, precocemente, em 16 de Outubro de 1982.

Deixou-nos álbuns que importa relembrar para não esquecer Abril, entre os quais: “*O Canto e as Armas*” (1969), “*Cantaremos*” (1970), “*Gente de Aqui e Agora*” (1974) e “*Que Nunca Mais*” (1975).

Texto elaborado por Jorge Cravo

A **Biblioteca Municipal de Coimbra** (BMC) sugere uma lista de álbuns disponíveis para empréstimo e/ou audição presencial de Adriano Correia de Oliveira: http://catalogo.cm-coimbra.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P7DP432691757.5529&profile=rbmc&uri=link=3100007~!36096~!3100001~!3100026&aspect=basic_search&menu=search&ri=1&source=~!bmc&term=Oliveira%2C+Adriano+Correia+de%2C+1942-1982&index=AUTHOR

